



Pradier

Diogo Pradier, habil escultor, descendente de uma familia de refugiados francezes, nasceu em Genebra no anno de 1790. Veio, muito moco ainda, para a Franca; e como dêsse mostras de precoce talento, attrafo a affeição do escriptor Denon, — e, graças á recommendação deste, foi admittido á aprendizagem da esculptura na officina de Lemont.

Confirmando brilhantemente as boas disposições que deixára entrever, foi mandado para Ro-

ma, onde amadureceu o seu talento, e executou muitas obras que deram principio á sua reputação. No cabo dos estudos e trabalhos em Roma, veio fixar-se em Paris, e não tardou em ganhar, por effeito de graciosas produções, uma consideravel popularidade. Recebeu a primeira medalha na exposição de 1819, e foi eleito membro do Instituto no anno de 1827, em substituição de Lemont — que havia sido seu mestre.

As qualidades, que o distinguiam, eram a fa-

abilidade de execução, e a pureza do gosto. A primeira qualidade tornou-o, como era natural, um artista fecundo: e assim, apresentou elle um grande numero de excellentes obras, em diversos e mui variados generos, sobresaindo, todavia, na reproducção da belleza da mulher, e distinguindo-se mais pela graça, do que pelo vigor. Os assumptos, em que foi mais feliz, pertencem á mythologia grega: e por esta razão lhe chamaram, engenhosamente, *o derradeiro dos pagãos*.

Além bastantes obras de escultura, que espontaneamente fez, executou muitas composições, que lhe foram encomendadas para monumentos publicos, e para pessoas particulares.

Até aqui, muito em resumo, as noticias que nos são proporcionadas pelas compilações biographicas ou historicas dos nossos dias: fallando apenas dizer que Pradier falleceu em 1852.

Se, porém, quizermos formar um juizo mais positivo sobre o valor real artistico de Pradier, indispensavel é recorrer á apreciação, que deste insigne escultor fez, em 1852, o severo, mas grandemente sabedor Gustave Planche.

No conceito do douto critico, foi Pradier um homem da primeira ordem, *na execução*; mas sem importancia, *na concepção*. Pradier, foi engenhoso e elegante, quando tratou objectos do paganismo; não assim nos assumptos christãos, nem, muito menos, na escultura monumental. — Hade ser enumerado entre os artistas eminentes da Franca, porque muitas das suas obras rivalisam — em pureza de gosto — com os mais bellos restos da escultura da Grecia. — Possuia, em grão elevado, a parte material da sua arte; mas era menos cuidadoso da parte intellectual: fazia grande caso da *forma*, e olhava com desdem para o *pensamento*. No que respeita a este ultimo, absorveu-se Pradier na Grecia, pois que nada inventou: no tocante á *execução*, avizinha-se dos mestres antigos, e entraria nas fileiras gloriosas delles, se não se tivesse deslembado do caracter dominante da sua arte: a castidade.

Teremos occasião de apresentar, pelo tempo adiante, a noticia das mais notaveis obras de Pradier.

D'ALEMBERT E M.^{me} DE TENCIN

Neste breve trabalho, e a proposito dos personagens indicados no titulo, havemos de ver como a superioridade da intelligencia e a nobreza de caracter sabem abrir caminho nas altas regiões sociaes, a despeito do desfavor do nascimento.

Veremos tambem o typo excruciente da mãe desnaturada, na pessoa de uma mulher celebre, que — ainda assim, e á força de talento — adivinhou o genio de um grande escriptor, e pôde fazer-lhe um bom serviço.

E, finalmente, teremos occasião de trazer á memoria alguns escriptos que bem merecem da humanidade.

I

Quando o secretario da Academia real das sciencias de Lisboa, Francisco de Borja Garção Stokler, compoz — nos principios do presente seculo — o elogio do sabio D'Alembert, não encontrou ainda resolvida a questão de saber quem foi o pae do illustre francez. E assim, disse no *Elogio* que a mesma Academia mandou publi-

car: — Quem fosse o pai de M. d'Alembert he para nós ainda duvidoso. Alguns o dizem filho do medico *Astruc*: outros pretendem, que *Destouches Canon* lhe dêra o ser: o que porém não soffre a minima duvida, é que sua mãe foi *Claudina Alexandrina Guérin de Tencin*, religiosa do mosteiro de Mont Fleury no Delfinado, irmã do Cardeal de Tencin. A vista da notoriedade da mãe nada deve admirar a incerteza do pai. — (1)

Está hoje assentado que o pae de D'Alembert foi *Destouches Canon*, commissario da marinha.

Este ultimo, sem se dar a conhecer como pae, estabeleceu uma pensão para seu filho, com a qual este se sustentou em casa de uma carinhosa familia, e pôde cursar os estudos, pelos quaes desenvolveu as raras faculdades que Deus lhe concedera.

A mãe, Claudina Alexandrina Guérin de Tencin, conhecida na historia pelo nome de *M.^{me} de Tencin*, nasceu em Grenoble no anno de 1681. Foi primeiramente religiosa do mosteiro de Mont-Fleury, nas visinhanças da terra do seu nascimento. Tendo entrado no claustro muito contra vontade sua, voltou ao seculo apenas o pôde fazer. Fixando a sua residencia em Paris, envolveu-se nos enredos da ambição; mas nem assim mesmo poz a salvo a fraqueza de mulher. De suas relações amorosas com Destouches foi fructo um dos grandes talentos que o mundo admira, João Le Rond d'Alembert, conhecido e admirado pela posteridade com o simples nome de D'Alembert.

D'Alembert nasceu em Paris aos 16 de novembro de 1717. — Sua mãe — sem coração de mãe — o mandou expôr nas escadas da igreja de Sain-Jean le Rond. A caridade levou dali a creancinha para um hospicio, — e deste a fez depois tirar o pae para a dar a criar á mulher de um artista, por nome Rousseau, em casa de quem se conservou por longos annos D'Alembert.

— Nunca o abandonado filho se queixou de *M.^{me} de Tencin*; mas a Providencia reservou á mãe desnaturada um castigo severo, que profundamente a devia magoar. Refere Diderot que *M.^{me} de Tencin* quiz um dia ver seu filho, quando já o nome deste se tornára celebre. D'Alembert sentio grande repugnancia em acudir áquelle convite, e só se deliberou a ir fazer uma tal visita em companhia de sua mãe adoptiva, a mulher do vidraceiro Rousseau, que tão carinhosamente o tratára sempre. — A entrevista foi muito fria da parte de D'Alembert, — o que muito perturbou *M.^{me} de Tencin*, obrigando-a a exclamar: «Olha que sou tua mãe!» *Vós, minha mãe?!* respondeu D'Alembert; *não, minha mãe é esta, não conheço outra!*... e subito se lança nos braços de madame Rousseau, banhado de lagrimas.

Um critico francez caracteriza de sublime este impeto de reconhecimento e de amor, e o considera como sendo uma recompensa magnifica dos desvelos da mãe adoptiva; bem como um castigo merecido da mãe sem entranhas, que deu a vida a um filho para logo o abandonar... Esse protesto eloquentissimo, esse grito sublime, tanto queria dizer como: *Renunciaste ao titulo precioso de mãe, e de todo e para sempre o*

(1) Obras de Francisco de Borja Garção Stokler, secretario da Acad. R. das Sc. — tomo I. Lisboa. 1805.

perdeste, desde o dia em que te deslebraste dos deveres sagrados que elle te impunha. (2)

M. Villemain, ao fallar de D'Alembert, lembra-se de um poeta inglez, contemporaneo deste, o celebre Savage. Este ultimo, fructo dos amores illegitimos de Lord Rivers e de Lady Macclesfield, foi mais infeliz do que D'Alembert. Savage, apesar da sua celebridade litteraria, nunca pôde entrar na sociedade, da qual fôra arrancado pelo injusto acaso do nascimento. Sob o peso de sua origem, andou errante, proscripto, delinhou na miseria e nos vicios, e em vão no magico poema — *O Bastardo* — denunciou e reclamou sua mãe. — D'Alembert, porem, sem nunca soltar um só queixume publico, logrou a fortuna de ser acolhido em toda a parte honrosamente, á força de talento, e graças ao character affavel e benevolo da sociedade franceza. «Tanto é (observa M. Villemain) que o amor das letras e a preponderante influencia do espirito haviam misturado, no antigo regimen da França, algumas compensações felizes com a desigualdade das condições.» (3)

— Voltaremos opportunamente a fallar do sabio D'Alembert; digamos agora duas palavras ácerca de M.^{me} de Tencin.

M.^{me} de Tencin não era uma mulher vulgar. Se a natureza lhe recusára o coração de mãe (e neste particular está condemnada para sempre a sua memoria), é certo que a dotou de um grande talento, de que pôde dar mostras (não sempre em bem) nos actos da sua vida, e nas composições litterarias de que foi auctora.

M. Villemain vê em M.^{me} de Tencin um *phenomeno moral*, pela reunião dos mais estranhos contrastes; uma vida de enredos, de seducções interesseiras, — um talento puro, apaixonado, — a prostituição ao cardeal Dubois, e a amizade de Montesquieu...

Era realmente necessario que tivesse uma grande viveza de engenho a mulher — que de tudo se saio bem, no interesse de seus planos e desígnios, ainda em difficeis lances!

Retirou-se do convento sem licença; obteve uma prebenda no cabido de Neuville, junto de Lyon; conseguiu depois annullar os votos; e por fim viveu em Paris, no bulicio do mundo, encostando-se, ora aos beatos, ora aos philosophos, e tratando — umas vezes — de bullas — outras vezes, de galanteios. — Não podia ser ambiciosa em proveito de si propria, porque era mulher; mas aproveitou a ambição em beneficio de seu irmão, padre mediocre e menos honesto, fazendo-o bispo, arcebispo, cardeal, e por ventura chegaria a fazel-o Papa, se por mais tempo reinasse Dubois!

Um acontecimento muito grave lhe acarretou grande desasocego, e até perseguição criminal. Um seu amante, La Fresnaye, impellido pela violencia do ciúme, matou-se na propria casa della, e a seus proprios pés. Prenderam-na; esteve primeiramente no Chatelet, e depois na Bastilha, — até que afinal foi posta em liberdade, porque se justificou muito bem da accusação de homicidio.

De então por diante navegou em mar bonançoso, entregue ás distrações do espirito, e gosando da intimidade assidua dos principaes personagens do seu tempo.

(2) Veja — *Une lecture par jour, nouvelles leçons de littérature par A. Boniface.*

(3) *Cours de la Littérature Française. Tableau du dix-huitième siècle.*

M.^{me} de Tencin foi apresentada com o retrato de Benedicto XIV, por elle proprio offerecido; devendo esta honra á circumstancia de ter estado em correspondencia com o mesmo, quando era ainda cardeal, bem conhecido pelo nome de Lambertini.

A casa de M.^{me} de Tencin era o ponto de reunião de quantos homens notaveis pela cultura do espirito havia em Paris. Ali, como se fosse em uma Côrte, brilhava ella como princeza; dava o tom a tão luzida sociedade, e a cada um dos frequentadores do seu circulo sabia fallar a geito e á vontade.

Ácerca do seu character ha opiniões encontradas. A docura de suas palavras, a suavidade de suas maneiras, eram por muitos interpretadas como um calculo de perfidia. Fallando-se, diante do padre Trublet, da docura de M.^{me} de Tencin, acudio elle dizendo: *Sim, se ella tivesse algum interesse em vos envenenar, escolheria por certo o veneno mais doce.* (5)

Parece que em muitas occasiões deu mostras de ser muito prestavel a outras pessoas; mas julgava se que só o era, quando o seu interesse particular não se oppunha ao que lhe pediam.

No entanto, o celebre Duclos, quê a conheceu de perto, e que, aliás, a não poupa, no que respeita ao procedimento, assegura que era muito servical, e amiga verdadeira, quanto inimiga declarada.

O que M.^{me} de Tencin praticou para com Montesquieu, é, na realidade, merecedor de grandes gabos. Dessa especialidade tomaremos logo nota, — pois que temos agora pressa de apresentar uma rapida noticia das composições litterarias da mesma senhora.

M.^{me} de Tencin escreveu alguns romances notaveis; e são os seguintes: *Le siège de Calais; Mémoires du Comte de Comminges; Malheurs d'amour; Anecdotes d'Edouard II.*

Confessando ingenuamente que não li essas composições, atenho-me ao juizo critico de M. Villemain, por certo competentissimo. No conceito de tão illustrado julgador, nota-se no *Siège de Calais*, a falta de simplicidade, e apparecem, em demasia, esses enfeites da côrte, que era do estylo da litteratura daquelle tempo lancar sobre a idade media. As *Memorias do conde de Comminges* recommendam-se pelo bom gosto, pela paixão, pelo natural. Ha ali uma scena, dum pathetico admiravel. Um religioso da Cartuxa, ainda moço, moribundo e deitado sobre a cinza, faz em alta voz a sua confissão diante da commnidade reunida. Esse religioso... é uma mulher; era livre, e vae morrer: as suas derradeiras palavras são escutadas por aquelle, a quem a desesperação-de a ter perdido conduzira ao mesmo claustro, e que ora está ali, junto della, com o mesmo habito que tambem a malfadada amante vestira!

Acaso (pergunta M. Villemain) foi jámais imaginada uma situação tão tocante, desde que a religião é principalmente empregada como effeito dramatico, e posta em lucta com o amor? M.^{me} de Tencin soube communicar á sua obra — de méra phantasia — tamanha viveza de paixão, tamanho brilho de eloquencia, quanto de

(5) Un jour, on louait sa douceur: «Oui, dit l'abbé Trublet, si elle eût eu intérêt de vous empoisonner, elle eût choisi le poison le plus doux.» — *Chamfort. Caracteres et anecdotes.*

tudo isso imprimio M.^{elle} L'Espinasse ás cartas verdadeiras, em que exarou o testemunho de um amor que lhe custou a vida. — Tudo é ingenuo e natural na obra de uma pessoa, que tão pouco ingenua e natural era.

— Um grande serviço fez M.^{me} de Tencin ao auctor do *Espirito das Leis*, na occasião em que esta obra immortal saio a lume. O *Espirito das Leis* esteve a ponto de naufragar logo no principio da sua navegação, e a M.^{me} de Tencin coube a fortuna de muito concorrer para salvar desse perigo o notavel livro de Montesquieu.

M.^{me} de Tencin, amiga de Montesquieu, e apreciadora do merecimento do *Espirito das Leis*, tomou a peito vencer a desattenção geral, comprando um consideravel numero de exemplares da obra, e fazendo presente delles a pessoas instruidas e capazes de bem avaliar o novo livro, e de o abonar com favoravel juizo.

Graças a este bem pensado, quanto generoso expediente, e á cooperação dos bons officios de M.^{me} Geoffrin, o *Espirito das Leis* foi abrindo caminho atravez da desattenção geral, ou da malevolencia de alguns poucos aristarcos.

No artigo immediato fallaremos especialmente de d'Alembert.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 93)

VIII

Como remate deste pequeno esboço da philosophia de Pelletan, bom será, para contentamento da curiosidade dos leitores, que fallemos do homem, e digamos duas palavras, ao correr da pena, sobre o modo porque floresceu e se espanejou este peregrino talento, que honra a França e a humanidade.

Facillimas são estas pesquisas, pois em qualquer dictionario de biographias se encontram os principaes traços da vida dos grandes homens; apraz, todavia, ao commum dos leitores, sem recorrer a outros livros, o encontrar pasto para a sua curiosidade.

Conta hoje Eugenio Pelletan os seus cincoenta e tres annos, pois nasceu em 1814, em uma aldeia chamada Royon, «departamento» ou districto da *Charente-Inférieure*.

O que era a sua familia, qual o seu viver e crer, quaes as suas modestas e santas condições, tudo isso nos conta elle, com infinita poesia e inexcedivel unção, na sublime epopéa intitulada: *Les Morts inconnus*, e da qual só está publicada a primeira parte: *Le Pasteur du désert*.

Este santo pastor, homem de virtude acrisolada e elevados sentimentos, alma candida e cheia de fé, coração generoso como o daquelles martyres, que caminhavam para o circo romano, entoando os sagrados canticos do christianismo; verdadeiro representante e descendente dos sectarios da reforma religiosa, apregoada por Luther e Calvino; este singelo pastor protestante todo entregue, por entre perseguições e ameaças, á salvação do seu rebanho, levando a sua coragem evangelica até a affrontar a realza, e medir, peito a peito, a santidade do seu mister com o poderio dos ministros; esse coração de pomba, alma de martyr,

e coragem de leão, que teve a fortuda de contemplar um momento o busto amavel de Franklin, o grande cidadão da America, em um salão de Versailles; esse homem foi o avô de Eugenio Pelletan, um dos ultimos rebentos da formidavel revolução religiosa, que gerou a revolução social de 1789, como já havia gerado a emancipação e o livramento da Inglaterra. O pae de Eugenio Pelletan, seguindo os preclaros e caridosos exemplos dos seus avós tambem fôra pastor protestante.

A creança, que depois havia de illuminar, com o facho do seu talento, a philosophia e a sciencia da humanidade, para logo mostrou notavel e irresistivel pendor para o estudo e leitura dos bons livros.

Entre o titubear e o soletrar quasi não houve separação.

Terminados os seus primeiros estudos de humanidades em Poitiers, veio para Paris, aonde se alistou nessa cohorte de mancebos illustres e convictos, cantados por Victor Hugo nos «*Misérables*».

Essas intelligencias robustas, posto que juvenis, sob-color de estudarem direito, lacteavam os mais subidos problemas da humanidade, e revolviam a França e a Europa com o seu verbo inspirado, sob a influença poderosa da liberdade.

Pelletan pertencia de direito e de facto á phalange sagrada.

Preparado com longos e ininterruptos estudos em uma agua-furtada nua e pobre do Bairro Latino; tendo devorado, com inquebrantavel porfia, centenaes de livros e memorias, estreou-se em 1837, entrando sob os illustres auspicios do seu talento brilhante, na redacção da «*Revue de France*».

Passados dois annos, quando apenas contava vinte e cinco de idade, já o seu nome era respeitado e revoava por toda a França, como promettedor e fiador de ricas messes. Todos os grandes jornaes lhe offertavam as suas columnas; escolheu, porem, a «*Presse*» como o que mais liberdade lhe dava para expôr as suas doutrinas inspiradas e nem sempre orthodoxas.

Qual a idéa primordial dos seus trabalhos, qual a influencia que o dirigio desde os seus principios, já atraz dissemos, no decurso deste epitome philosophico. Escusado é, pois, repetir, o que foi explicado com a possivel lucidez; antes nos limitaremos tão sómente ao que pertence propriamente á vida do auctor.

Em 1849, quando a opposição ao reinado *burguez* e comesinho de Luiz Phillippe conseguiu, enfim, derrubar o throno dos Orleans, Eugenio Pelletan, de parceria com Arthur de la Guéronnière, ligou se ao gigante da tribuna, Affonso de Lamartine, e fundaram todos tres o «*Bien Public*» cuja voz eloquente, repassada de altissimos pensamentos e poesia elevada, eccoou por toda a França. Eugenio Pelletan modificou então o seu estylo, tornando-o mais empolado, cheio e sonoro, á imitação das paginas immortaes do cantor de Elvira, Jocelyn e Graziella.

Não affrouxava, entanto, a febril actividade de Pelletan; antes escrevia, já com o seu nome, já com pseudonymos, notaveis artigos para as revistas, alguns dos quaes foram depois publicados em volume, e adornam hoje as estantes dos que prezam a boa leitura.

A «Revue des Deux-Mondes» acolheu e agradeceu alguns trabalhos do incipiente philosopho.

Chegára, emfim, o momento em que Pelletan devia escrever a sua obra de maior vulto, aquella que ia collocal-o derepente ao lado dos maiores homens do seu tempo.

De 1850 a 1851, ao tempo que o principe Napoleão, presidente da republica, se apresentava a empolgar a liberdade da França, soltando a aguiá, que já estendia as garras aduncas; nesses mezes de provação, em que se travava nas sombras um pleito terrivel entre o despota reflexivo e animoso e os liberaes delirantes e descuidosos, Eugenio Pelletan, que sentia arder-lhe no intimo o fogo sagrado e não via remedio aos males da patria, senão investigando o caminhar da humanidade, por todos os estadios, de que Vico nos legou memoria na sua *Scienza Nuova*, escreveu na «Presse» uma serie de artigos, que para logo conquistaram respeito e admiração de todos os homens illustres.

Pelletan, desprendendo-se das condições ephemerias e transitorias da vida do homem, para se engolpar no infindo mar, aonde se revolve a humanidade, lançou balsamo salutar nas feridas que ensanguentavam o corpo da França.

Esses artigos, reunidos e publicados em volume com o titulo de *Profession de foi du dix-neuvième siècle*, são o melhor brasão do auctor, são

uma data philosophica, como disse Chevalier, em um momento de entusiasmo e verdade.

Lamartine, entanto, sempre poeta inspirado, apesar da politica que, por tanto tempo, lhe absorveu as grandes faculdades; vendo a liberdade postergada, espirito descreido e desalentado, como o de todos os poetas que, por não poderem ou não saberem dirigir os acontecimentos, irritam-se contra elles; Lamartine renegou a doutrina do progresso, e combateu o seu antigo e eloquente discipulo.

Pelletan ergueu-se como um gigante, e escreveu as suas *Lettres à un homme tombé*, que ainda elevaram mais alto a sua nomeada.

Desde então a vida do philosopho-poeta não tem variado. A penna é a sua alavanca, o instrumento abençoado do seu trabalho.

Collaborador de grande numero de jornaes, os seus artigos são populares e conquistam sempre merecidos applausos. O *Siècle*, a *Presse*, o *Avenir*, o *Courier de Paris*, o *Dix-neuvième siècle*, e outros muitos jornaes hão recebido as locubrações de nome tão glorioso.

Minudenciar todas as obras de Pelletan fóra escrever lista demasiado longa.

A *Lampe éteinte*, romance philosophico; *Le salon de 1857*, em que a pintura é considerada de um modo inteiramente novo e metaphysico; a *Histoire des trois journées de février*; *Les dogmes, le clergé et l'Etat*; *L'histoire du brahmanisme*, continuada depois por Maury; *La Vie de Condorcet*; *Heures de travail*, etc. etc., taes são as obras principaes do fecundo e inspirado talento, cujo nome é a epigraphe destes humildes artigos.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.



Modo de viajar no Oriente

com a cabeça voltada para traz, procurando e chamando o amante, que lhe foge na dianteira?

Mas não sabia Alfredo, que só elle podia livral-a d'aquelle tormento, collando os seus labios nos della em um beijo eterno de amor? Que lhe importava então ter só olhos para o passado, e voltar as costas ao provir, se o presente era a felicidade a flux, a felicidade perenne e ininterrupta, e melodia suave, que lhes embalava as almas nas azas do mesmo suspiro?

Chegada a estes extremos Violante sentia-se agitada pela febre dos desesperos, que tornam a chama da vida uma labareda immensa, que tudo queima e consomme.

— Porque razão não virá elle? Acaso hei de rojar-me ainda outra vez a seus pés, e rasgar o coração, para lhe attestar o meu amor com o testemunho do meu sangue? dizia ella em espasmos de dor. Acaso hei de esquecer os ultimos rebates da virtude, e entrar de noite, pela solidão de altas horas, como uma creatura vil, no leito d'elle, entregando mais que o corpo, a alma? E se elle rejeitar o sacrificio? E se elle me expulsar? Oh! meu Deus! Não tenho forças para resistir. Quem poderá salvar-me? Quem poderá dar-me apoio e arrancar-me do pelago em que me affundó? Se eu pudesse fugir para longe, para muito longe! Se eu pudesse nunca mais pensar nelle! Mas como? A morte? Porventura no tumulto estará o esquecimento? Se elle morresse nos meus braços, quão doce me seria a morte. Mas não! Elle cá ficará gosando a vida, a vida cheia de amores e prazeres, a vida rica e opulenta messe de encantos e flores! Não! não! Desgraçada de mim! desgraçada de mim! que tão moça ainda, vivo na incerteza e não sei se o amor, meu tormento agora, me será consolo no futuro! Desgraçada de mim, que só na culpa e no crime poderei encontrar a felicidade! Desgraçada de mim, que desfolhei e deitei ao vento as flores da innocencia e os primeiros anceios, em vez de tecer a capella com que me enfeitasse no dia de noivado! Desgraçada de mim, que me entreguei ao doce scismar dos amantes, e encontrei amarguras! ..

Assim pensava Violante, ou antes, assim delirava ella; tão intensa era a paixão, que se assonheára da sua alma.

Romanesca, imaginosa, sentimental, não conhecia que Alfredo presava mais a vingança do que o amor, e accordára o ciume para vencer a virtude.

Assim passaram dias e dias. Violante espiava os passos de Alfredo, que perseguia inalteravel, se bem que de vez em quando se lhe pudesse ver na expressão uma leve cor de melancolia.

Violante, afinal, fez um esforço supremo. Como o naufrago, que está prestes a submergir-se para sempre, agarrou-se á ultima laboa de salvação, ergueu-se no meio das ondas do desespero, e escreveu ao marido esta carta:

«Venha, venha quanto antes e sem detença. Careço da sua presença. Se eu tivesse forças para caminhar, iria a pé, de rastos, de joelhos, buscar

o seu abrigo e protecção. Se eu tivesse azas, voaria, quanto pudesse, para fagir daqui. Não posso. Ha uma força mais poderosa do que a minha vontade. É o destino. Venha salvar-me de um grande perigo. — *Violante.*»

O visconde, rapaz de boas qualidades, mas fraco e profundamente prosaico, como filho, que era de negociante opulentado na refinação de assucar e em industrias congengeras, riu-se do tom romanesco daquelle carta. Grande perigo! exclamou com emphase, dando ao rosto uma expressão comica. Mas que perigo será este, que ameaça minha mulher? Revolução social? Nada. Pois se as inscrições subiram agora um terço. Que diabo será? Na virtude della confio eu, mais do que na minha. Aquillo é negocio de poesia. É scena de romance, em que ella quer *mystificar-me*, para se rir depois á minha custa. Tinha que ver se eu caía, como um calouro. Abandonar as caçadas e os amigos, metter-me na diligencia a toda a pressa, chegar ao Porto, ir á estação do caminho de ferro, comprar bilhete, lançar meia duzia de imprecações á locomotiva ronqueira e á ronqueira companhia, desembarcar afinal em Santa Apollonia, entrar em casa como um rato, e... triste desfecho a tanto affan! encontrar Violante recostada mollemente em um sophá, mirando-me com olhos azougados, e disparando uma gargalhada feminina, uma destas gargalhadas, que são a suprema condemnação dos maridos credulos. Nada!

E o visconde, todo vaidoso da sua sagacidade, escreveu uma carta cheia de trocadilhos e *calimburgos*, e continuou nas suas caçadas e nos preparativos eleitoraes, em que estava empenhado, porque o ricaço mancebo tambem queria subir ao capitolio de S. Bento, pelas ingremes escadas da opposição.

Violante ficou attonita e espantada com a resposta do marido. Fôra-se-lhe a ultima esperança. Já não tinha forças para lutar. Era necessario render-se e entregar-se ao destino, qualquer que fosse. Assim fez. E este foi o motivo porque escreveu aquella carta a Alfredo.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

FENELON

(Continuado de pag. 175)

E, todavia, essa obra monumental estimulou a inveja, e acareou perseguições, que raramente deixam estas de ser o galardão que as gerações presentes dispensam ás lucubrações dos grandes genios: o fazer justiça, a cargo fica da posteridade.

Luiz XIV, e os emulos de Fenelon viram daguerreotypados no *Telemaco* os mais notaveis personagens da corte de Versailles: a Vallière, a Montespan, a Fontanges, a Montfauzon, divisavam-se atravez do colorido poetico, e das ficções da mythologia.

O rei e os cortezaos não podiam, pois, levar a bem que a historia contemporanea da corte de Versailles fosse — e tão cedo! — vasada no papel, e confiada aos quatro ventos da publicidade. Por onde, todas as edições do *Telemaco*, anteriores a

1720, saíram incompletas, visto que os editores eram coimados, e reduzidos a cinzas os exemplares que se encontrassem. Mas a calúnia e a inveja cansaram, e a obra passou á posteridade.

Fenelon, havendo copiado e retocado onze vezes esse modelo de poesia descriptiva, estreitou-se na metaphysica, provando, com argumentos claros e sensiveis a necessidade de um ser creador, com a mira de rebater a doutrina de Spinoza. — Um pouco mais tarde, secundou-lhe os esforços o proprio Voltaire, que, na sua correspondência com o rei da Prussia, apostolou energicamente a idéa de Fenelon.

Fenelon, como metaphysico, não se atasca nos marneis duma philosophia esteril, nem cerca a verdade de theorias nebulosas: os seus raciocinios são sempre claros; o philosopho parece assistir ao momento da creação: pinta a natureza, como se esta saisse agora das mãos do Creador, e impressiona sempre a imaginação desapaixonada.

Apesar do seu grande saber e juizo, é censurado por ter commungado o quietismo. Permitta-se-nos uma curta divagação sobre este systema. Os seus pontos capitaes são os seguintes: — «A contemplação perfeita é um estado em que a alma perde o exercicio da razão, não pensando em si nem em Deus, e recebendo passivamente a luz celeste que a põe numa completa inacção. Neste estado, a alma nada deseja, nem mesmo a salvação; nada teme, nem mesmo o inferno. Então, o uso dos sacramentos, e a pratica das boas obras, são cousas indifferentes: *as mais criminosas impressões que se dão na parte sensitiva da alma, não são peccados.*» (1)

O quietismo, cuja origem remontava á idade media, foi no seculo XVII resuscitado por Miguel Molinos, presbitero de Saragoça, quando publicou a sua *Guia espiritual*.

Em tempos de Fenelon, M.^m Bouviere de la Motte, mais conhecida pelo nome de M.^m Guyon, adherio ao systema de Molinos, reforçando a sua adhesão com dois livros — o *Meio curto* e as *Torrentes*, que provam até a saciedade a sua exaltação e delirio. Todavia, Fenelon, levado da piedade de M.^m de Guyon, acolheu benignamente a escriptora, e não hesitou em cruzar armas com Bossuet sobre o merecimento desses livros mysticos. Conferenciaram a este proposito Bossuet, Fenelon, o cardeal de Noailles, e o abbade Tronson, mas vãmente se procurou chegar a um accordo. O arcebispo de Cambrai tentou então afastar as duvidas, e trazer á sua opinião o insigne Bossuet, publicando o livro das *Maximas dos santos*.

Porem, o livro, em vez de deitar agua na fervura, produziu um effeito inteiramente contrario: as disputas acaloraram-se, e a questão foi apresentada ao papa.

Entretanto, Luiz XIV, a quem o *Telemaco* roubara toda a affeição que tinha a Fenelon, desterrou-o para a diocese de Cambrai, afim de que a cõrte de Roma não hesitasse em condemnar um favorito do rei de França.

Com effeito, a 12 de março de 1699, Innocencio XII censurou 23 proposições do livro das *Maximas dos santos*, como *temerarias e perniciosas na pratica*, mas não como hereticas.

(1) Consultar Bergier, Dictionaire.

Fenelon acolheu humildemente a censura, e elle mesmo condemnou o seu livro, de cima do pulpito da sua igreja de Cambrai.

Lá mesmo, no retiro da provincia, longe do bulicio e das intrigas da cõrte, a vida corria-lhe ainda amargurada: Luiz XIV, que julgára Fenelon um homem pernicioso e de idéas subversivas, mandava-lhe espiar todos os passos. Depois da ingratição o insulto!

Mas quem, de olhos vendados, segue o caminho da iniquidade, victimando a innocencia aos seus caprichos e desvarios, um momento ha de ter na vida, em que a voz da consciencia bem alto lhe grite: basta! — Passaram alguns annos, e Luiz XIV resolvera resarcir Fenelon da injustiça com que o tratára, e chamal-o de novo á cõrte.

Era tarde. Fenelon, desprezado e pobre, deixava atraz de si as torrentes da vida, e descansava na paz do tumulo, no dia 7 de janeiro de 1715.

Vizeu, maio de 1867.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

VENDO UM RETRATO DE CASIMIRO D'ABREU

Ao meu amigo Nogueira de Mello.

N'esta fronte inspirada que eu contemplo
do genio a luz divina se revela!
Diz muito aquelle olhar profundo e triste,
aquella testa é larga, altiva e bella!

Lá dentro a inspiração em chamma accesa,
lá dentro... o sacro fogo a refterver,
o fogo qu'inda ardia quando a vida
já sentia esvair-se e esmorecer.

Attentae-lhe nos olhos tão rasgados...
que triste, melancolica expressão!
Vê-se alli o clarão de sentimento,
reflectido da luz do coração.

Compunge o contemplar n'este retrato
os traços juvenis de um bello rosto,
desfeitos pelo sopro das tormentas
fanados pela dor, pelo desgosto!

Eil-o! o pobre cantor infortunado;
o mundo, seu algoz, agora admire-o!
N'esta fronte fulgura a dupla c'rõa,
a c'rõa da poesia e do martyrio.

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

DITO MUITO ÉSPIRITUOSO DE M. MICHAUD, QUANDO REDIGIA A «QUOTIDIENNE», JORNAL LEGITIMISTA DE PARIS NO TEMPO DA RESTAURAÇÃO.

— «Quando morre um dos meus assignantes, o filho delle manda-me um artigo *necrologico*, que eu publico; mas no dia immediato ao daquella publicação, vae assignar para um periodico constitucional.» — *

Alguns traços de desenho, mesmo imperfeitos, podem muitas vezes indicar com fidelidade muito mais cousas que uma longa descripção.

LOCKE. *Da educação.*